

OS PARATEXTOS NA COMPOSIÇÃO DE MACHADO DE ASSIS COMO AUTOR MUNDIAL

Hélio de Seixas Guimarães
Universidade de São Paulo

Resumo: O artigo examina o papel dos paratextos na construção de Machado de Assis como autor da literatura mundial a partir das traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* para o inglês desde os anos 1950. Analisa capas, orelhas, prefácios, selos editoriais e material promocional, bem como a circulação do romance em catálogos de “World Literature” e coleções acadêmicas nos Estados Unidos e no Reino Unido. Mostra como esses dispositivos reconfiguram o “clássico maior” brasileiro em “minor classic” da literatura mundial, por meio de comparações com autores canônicos, deslocamentos de contexto nacional e ênfases variáveis em raça, escravidão e pertencimento latino-americano. Argumenta-se que os paratextos registram tanto a dificuldade de posicionar Machado no sistema literário transnacional quanto sua consagração relativa no mundo anglófono.

Palavras-chave: Paratextos; Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, World Literature, Tradução literária

Abstract: This article investigates the role of paratexts in shaping Machado de Assis as a “world author” through the English translations of *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* from the 1950s onward. It examines covers, blurbs, prefaces, publisher series and promotional materials, as well as the novel’s circulation in “World Literature” catalogues and academic collections in the United States and the United Kingdom. The study shows how these mediating devices transform a Brazilian “major classic” into a “minor classic” of world literature by comparing Machado to canonical authors, displacing or reinserting Brazilian and Latin American contexts, and reframing issues of race and slavery. Paratexts thus reveal both the difficulties and partial success of positioning Machado within the transnational literary field and the Anglophone world.

Keywords: Paratexts; Machado de Assis, *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, World Literature, Literary translation

Quando os livros de Machado de Assis começaram a circular em inglês, no início da década de 1950, o escritor já tinha passado no Brasil por um intenso processo de consagração literária, que o alçara à condição de escritor representativo e clássico nacional (GUIMARÃES, 1997). Àquela altura, sua posição no topo do cânone literário brasileiro era comparável apenas à de José de Alencar, com quem dividia o posto de patrono da literatura brasileira. Foi justamente nesse momento de “glória nacional hipertrofiada”, segundo a expressão de Antonio Candido (1997), que o nome e a obra de Machado de Assis começaram a ganhar maior difusão internacional, com a publicação de três de seus romances em inglês: *Epitaph of a Small Winner*, *Dom Casmurro* e *Philosopher or Dog?*, lançados, respectivamente, em Nova York, em 1952, 1953 e 1954.

A primeira edição de *Epitaph (Brás Cubas)*, publicada nos Estados Unidos, anuncia na orelha: “Machado já goza de grande reputação europeia, com seus trabalhos traduzidos para o italiano, francês, alemão e espanhol”. A edição britânica da mesma tradução, lançada em 1953 no Reino Unido, adota uma estratégia semelhante para apresentar o escritor a um público que o desconhecia: “Sua obra, entretanto, apareceu em muitos países europeus e, no ano passado, *Epitaph of a Small Winner* tornou-se, praticamente do dia para a noite, um *best seller* nos Estados Unidos. O crítico da *New Yorker* o saudou como ‘um clássico menor’”. Nos dois casos, as publicações anteriores em outros países e línguas funcionam como justificativas para a publicação em inglês, preenchendo uma lacuna e atestando a qualidade de um livro já muito apreciado em outros países.

De fato, até 1950, apenas quatro de seus romances e três coletâneas de contos haviam sido publicados em quatro idiomas — o espanhol, o francês, o italiano e o alemão —, com algum sucesso entre a crítica e um sucesso de público relativo, já que não há registro de que qualquer das traduções desses romances nessas línguas tenha alcançado uma segunda edição em menos de dez anos. Nos Estados Unidos, o romance teve boa recepção crítica em veículos prestigiados, e as vendas foram razoáveis, mas insuficientes para transformá-lo em um *best-seller*, ao contrário do que sugere o paratexto britânico.¹

Este artigo investiga, a partir do estudo dos paratextos que acompanham as edições das traduções para o inglês, como se deu a passagem do “clássico maior”, que Machado se tornara no Brasil, ao “minor classic” da literatura mundial, condição que lhe foi atribuída pelo crítico da *The New Yorker*. A escolha desse ângulo deve-se ao fato de que, no processo complexo de transferência de ideias e de bens simbólicos de um campo nacional, ou linguístico, a outro, os paratextos são os principais registros materiais do que Pierre Bourdieu (2002) chama de “marcação”, que consiste em atribuir

¹ Sobre as tiragens dos três romances traduzidos e publicados pela Noonday Press, ver Hélio de Seixas Guimarães, A trajetória editorial de Machado de Assis em inglês (1950-1960), *Machado de Assis em linha*, v. 16, e273147. <https://doi.org/10.1590/1983-682120231620pt>. Para efeito de comparação, ver também as tiragens da coleção da Oxford, informadas por Daphne Patai em “Machado de Assis em inglês: em busca de um nicho de mercado” (2009).

a algo “sem etiqueta”, ou não categorizado, elementos que lhe deem inteligibilidade, distinção e valor.

Assim, para compreender melhor como Machado de Assis foi apresentado ao público anglófono, serão examinados os paratextos que acompanham as traduções (prefácios, textos de capa, orelha e quarta capa, marcas e selos de editoras). Os paratextos são pensados aqui, seguindo as proposições de Gérard Genette, como dispositivos de mediação e “instrumentos de adaptação”, que apontam tanto para o texto quanto para o contexto (GENETTE, 2009, 358). Por serem elementos que buscam chamar a atenção dos leitores para o texto, eles são indicadores do prestígio e da importância conferidos a um autor e a uma obra, assim como das expectativas quanto ao modo como serão recebidos pelo público leitor em determinado momento.

Aqui, interessa menos o efeito que esses paratextos têm sobre a recepção do que as imagens do romance e de Machado que eles constroem e projetam aos novos potenciais leitores das *Memórias póstumas*.

Para isso, vou me concentrar nos traços das *Memórias póstumas* e da biografia do autor que foram selecionados e enfatizados em edições publicadas ao longo de mais de 70 anos, para compreender como é o Machado de Assis projetado para os leitores anglófonos e de que modo ele se conecta com as figurações do escritor e de sua obra, também variadas e cambiantes, no Brasil. Por ser esse o título com história mais longa e de maior sucesso no exterior, as estratégias utilizadas para sua apresentação ao público anglófono dão uma ideia da complexidade da operação de apresentar um escritor hiper conhecido e consagrado no seu país de origem a um público para o qual o nome “Machado de Assis” não apenas soava estranho, mas também tinha pouco ou nenhum significado.

Para compor este artigo, foram examinadas 15 edições das cinco traduções do romance em inglês: a de William Grossman, que saiu no Brasil em 1951 com o título *The Posthumous Memoirs of Braz Cubas* [Figura 1] e foi publicada nos Estados Unidos em 1952 com o título modificado, *Epitaph of a Small Winner* [Figura 2]; a de Percy Ellis, publicada no Rio de Janeiro em 1955 com o título *Posthumous Reminiscences of Braz Cubas* [Figura 3]; a de Gregory Rabassa, publicada nos Estados Unidos em 1997 com o título *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* [Figura 4]; a de Margaret Jull Costa & Robin Patterson, publicada nos Estados Unidos com o título *Posthumous Memoirs of Brás Cubas* em 2020 [Figura 5]; mesmo ano em que sai nos Estados Unidos a quinta tradução, a de Flora Thomson-DeVeaux, como *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* [Figura 6].

Figura 1

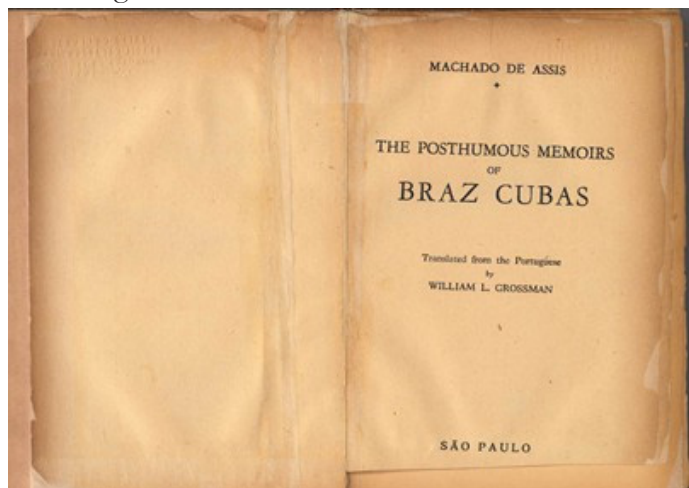


Figura 2

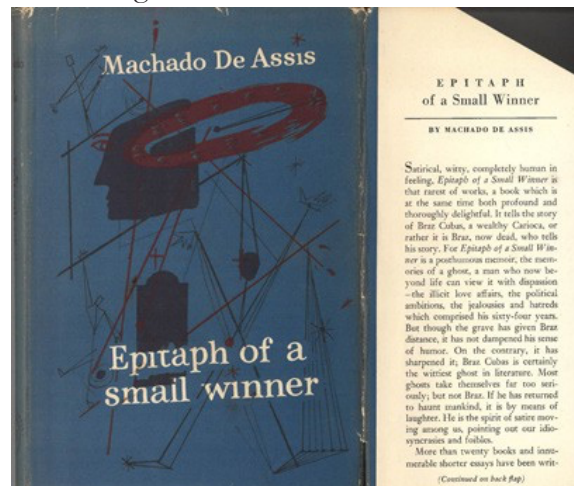


Figura 3

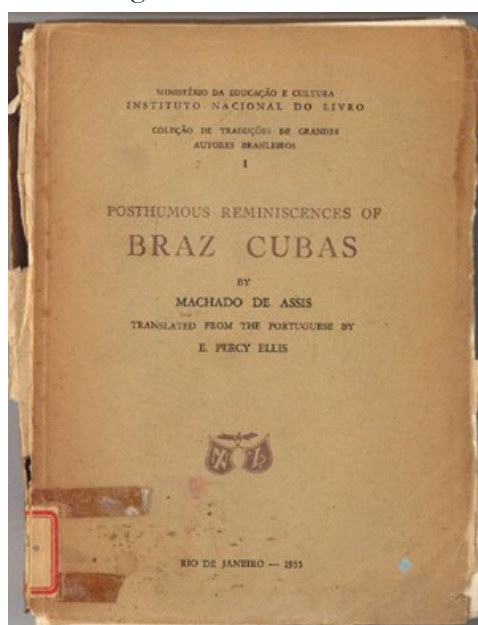


Figura 4

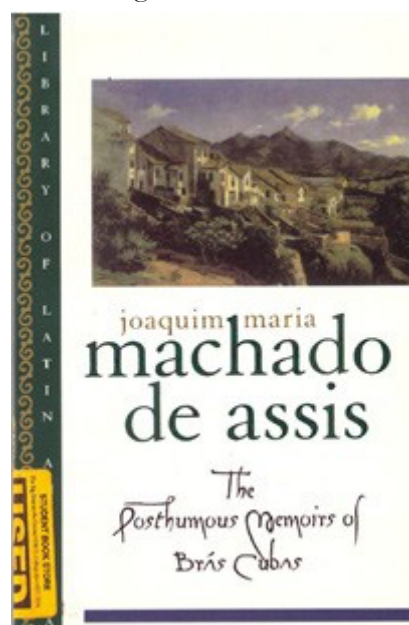


Figura 5

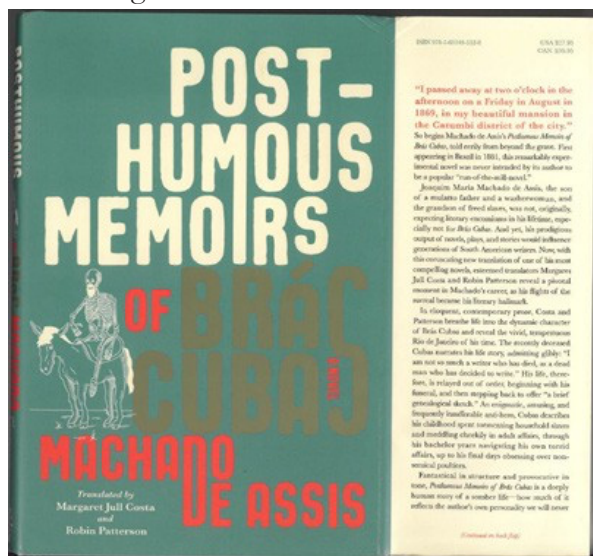
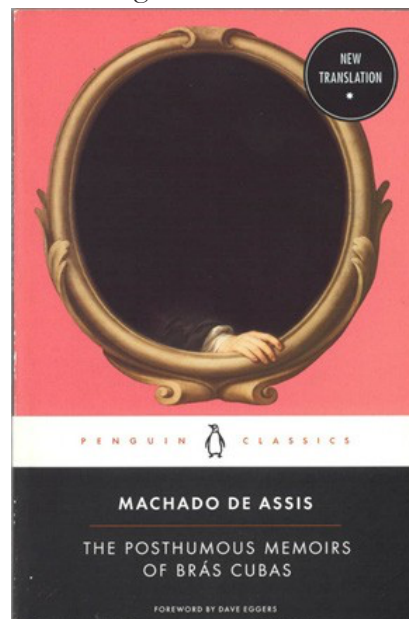


Figura 6



À exceção do título *Epitaph of a Small Winner* (Epitáfio de um pequeno vencedor), fortemente interpretativo e adotado por motivos comerciais, todos os outros são literais. As variações incidem sobre o uso do artigo definido “the”, que delimita e determina as memórias; o emprego do substantivo “memories”, que conserva a sugestão de um subgênero literário muito praticado no século XIX, o memorialístico, ou de “reminiscences”, que também se refere a algo que se lembra do passado, mas com carga literária menor; e a grafia do nome Brás Cubas, que até a década de 1950 oscilou, no Brasil, entre “Braz” e “Brás”, até se fixar em “Brás”, forma empregada nas três traduções mais recentes. A manutenção do acento agudo no título pode ser entendida como um gesto de estrangeirização (VENUTI, 1995) por conservar a estranheza de um sinal diacrítico inexistente na língua inglesa, o que condiz com a disposição das edições mais recentes de localização da obra no contexto latino-americano e brasileiro, como veremos.

As duas edições publicadas no Brasil, com as traduções de Grossman e Ellis, não apresentam qualquer paratexto significativo (prefácio, posfácio, orelha, texto de quarta capa), o que é sintomático do pouco esforço que fizeram para atrair o público anglófono.² Não poderia ser

² As edições publicadas no Brasil não produziram nenhuma reação crítica importante e, pela pouca repercussão que tiveram na imprensa, não há indicações de que tenham circulado mais amplamente. A tradução de Ellis foi referida em duas publicações institucionais: o *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional* (vol. V, tomo II, 1955) e em uma nota protocolar da *Revista do Livro*, que incluiu uma nota protocolar no “Catálogo das Publicações do INL” (*Revista do Livro*, ano I, jun. 1956, n. 1-2, pp. 299-300); e ainda em nota na seção “Panorama literário” da revista *A Cigarra*, ano XXXVII, n. 5, maio 1956, p. 42. A primeira publicação da tradução de William Grossman, que saiu em São Paulo em 1951, só foi mencionada em nota da *Revista do Livro* que trazia um levantamento das traduções de obras de Machado de Assis (ano III, n. 12, dez. 1958, p. 282); por contraste, a mesma tradução, quando saiu nos Estados Unidos, recebeu mais atenção da crítica brasileira: Alceu Amoroso Lima publicou no *Diário de Notícias* o artigo elogioso “Machado de Assis

mais nítido o contraste com as edições das traduções de Grossman, de Rabassa, da dupla Jull Costa e Patterson e de Thomson-DeVeaux, publicadas nos Estados Unidos e/ou no Reino Unido, pródigas em paratextos, indicativos do esforço que fazem para apresentar o romance e o escritor ao novo público.

A primeira surpresa ao lidar com esse material foi constatar que a vida de Brás Cubas em inglês depende quase exclusivamente de iniciativas de tradução da sua obra nos Estados Unidos. As aproximações do romance à literatura britânica, que custaram a Machado a pecha de imitador de Sterne, não parecem ter contribuído para atrair a atenção do mundo literário e editorial britânico para o romance. As edições inglesas de *Brás Cubas* resultam, sem exceção, de traduções contratadas e publicadas primeiramente nos Estados Unidos. O mesmo ocorreu com *Dom Casmurro* e *Quincas Borba*, traduzidos e publicados primeiramente nos Estados Unidos antes de ganharem edições do outro lado do Atlântico. No caso específico das *Memórias póstumas*, o centro de difusão permanece em Nova York, diferentemente do que ocorre com os demais títulos, que se dispersaram pela Califórnia, Texas e Kentucky.

A tradução pioneira de William Grossman foi a que teve o maior número de edições. São 11: uma brasileira [Figura 1], cinco norte-americanas [Figuras 7 a 11] e seis inglesas. [Figuras 12 a 17]. A composição gráfica da primeira edição da Noonday Press, de 1952, foi reutilizada em nove edições, o que indica o baixo investimento na publicação desse título. As duas exceções são as edições de bolso da Avon Books (publicada nos EUA) [Figura 9] e da Penguin (publicada no Reino Unido) [Figura 13], que receberam nova composição gráfica.³ Entretanto, todas as 11 edições conservam a “Translator’s Introduction” assinada por Grossman, o que faz desse prefácio o elemento paratextual com a presença mais constante e longa entre as edições do romance em inglês.

em inglês” (“Letras e Artes – Suplemento Literário”, 7 set. 1952, p. 1) e Raimundo Magalhães Jr. publicou no *Correio Paulistano* um artigo com o mesmo título, “Machado de Assis em inglês”, em que compara a tradução de Grossman, elogiada pela apresentação e “inteligente prefácio” do tradutor, com a de Ellis, que considera “tarefa inútil do Instituto Nacional do Livro”, criticando tanto a qualidade literária como a pobre apresentação gráfica (ano 103, n. 31.045, 16 jun. 1957, 3º caderno, p. 8).

³ A única edição que não pude examinar foi a de *Epitaph of a Small Winner* publicada no Reino Unido pela Vintage, em 1991, que reproduz os mesmos paratextos da edição de 1952 da Noonday Press.

Figura 7

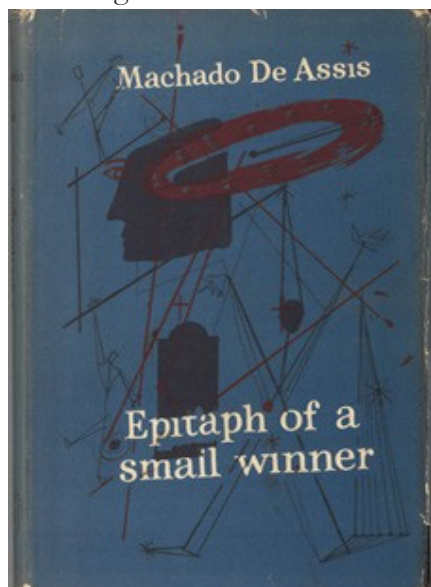


Figura 8

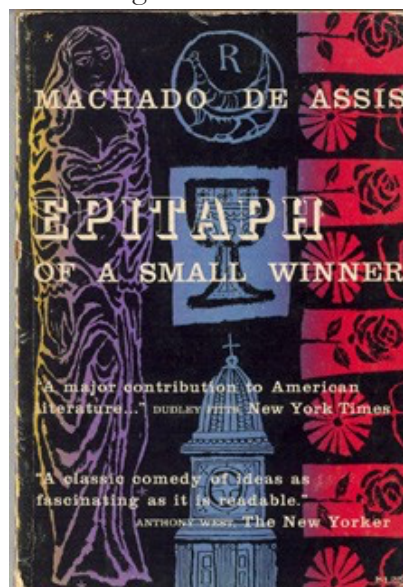


Figura 9

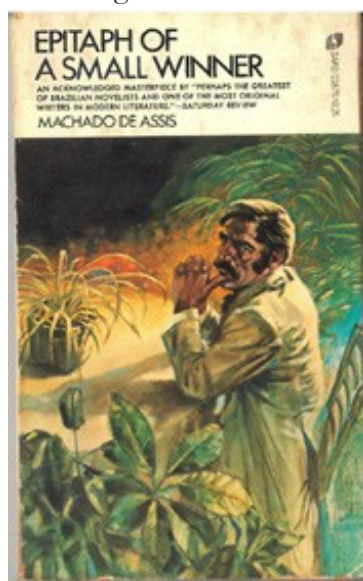


Figura 10

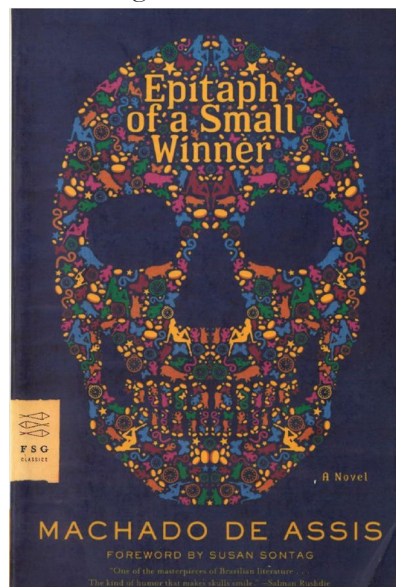


Figura 11

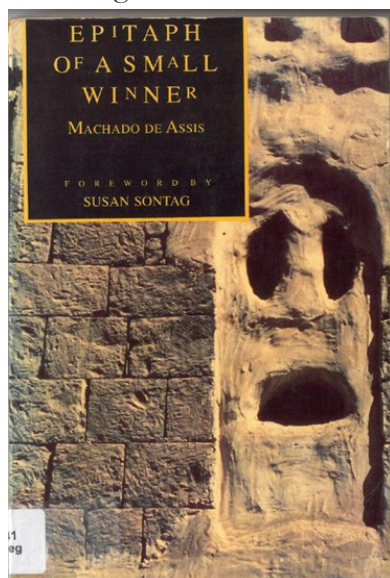


Figura 12

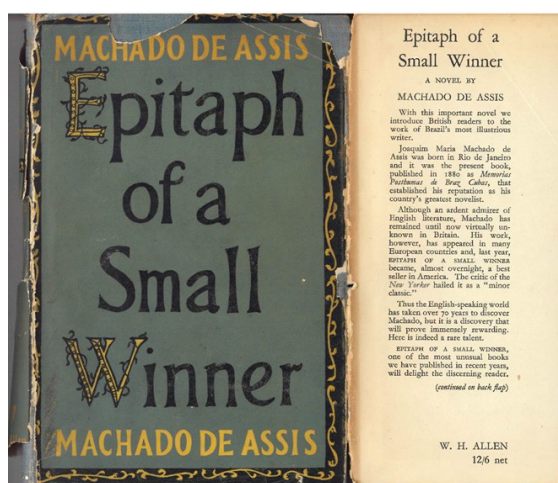


Figura 13

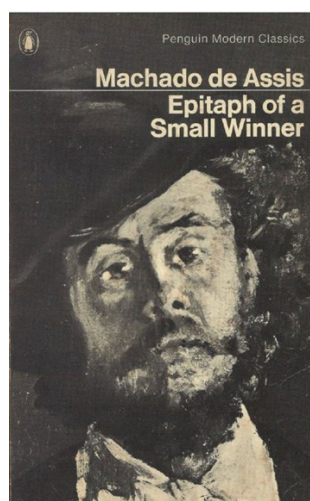


Figura 14

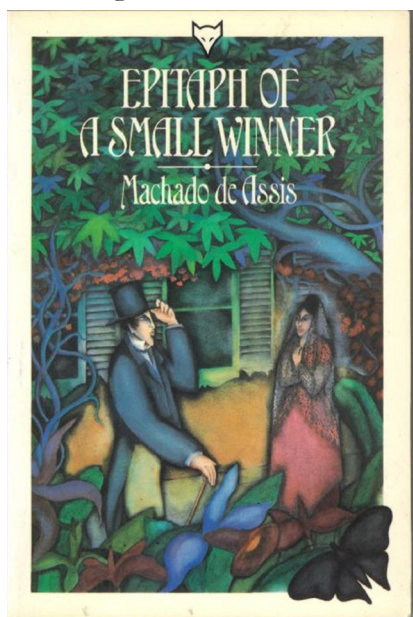


Figura 15

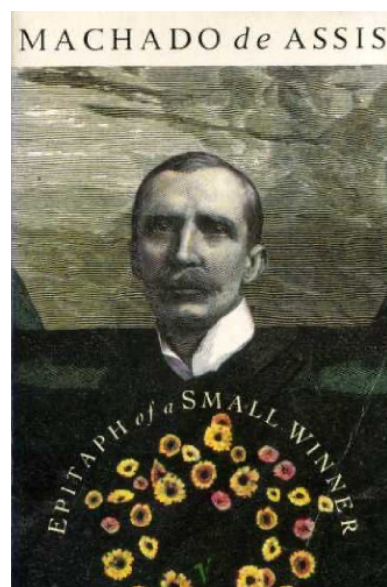


Figura 16

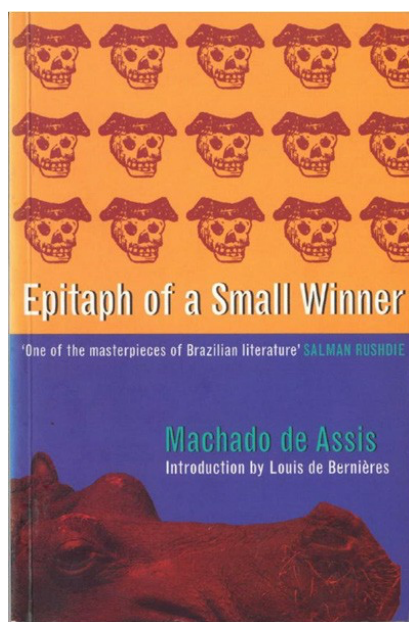
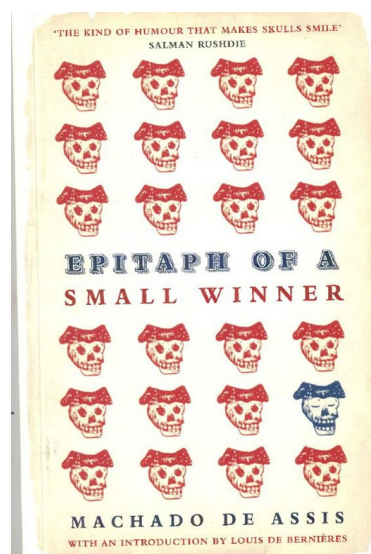


Figura 17



Em sua “Introdução”, Grossman ressalta as dificuldades que o romance pode colocar ao leitor, enfatizando a negatividade machadiana: o pessimismo, que qualifica como “irônico e abjeto”, a “ampla iconoclastia” e o “agnosticismo” desse que talvez seja “o escritor mais desencantado da literatura ocidental” (GROSSMAN, apud MACHADO DE ASSIS, 1952: 11-14).⁴ Talvez para

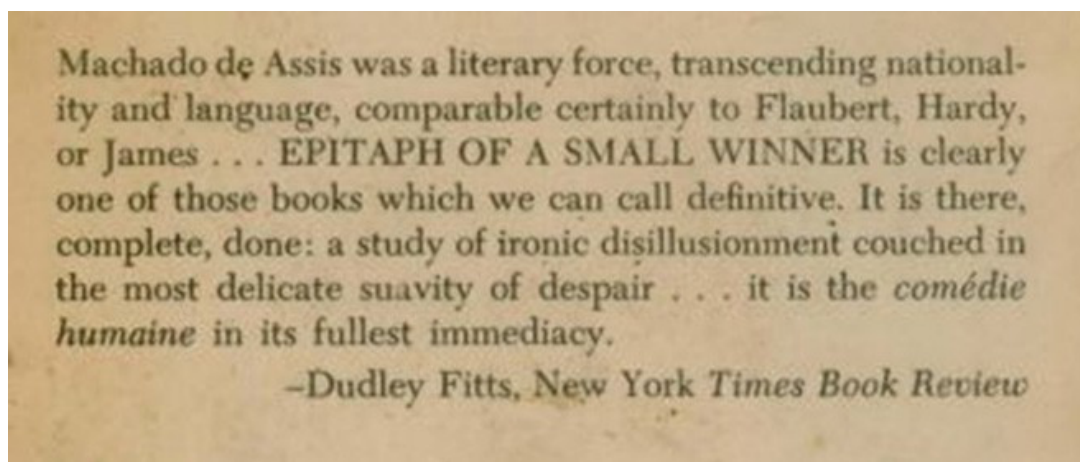
⁴ O aspecto pouco palatável do romance para o público estadunidense da década de 1950, que vivia a euforia do pós-guerra, foi observado por Earl Fitz (2012, 2016) em seus estudos fundamentais sobre a recepção de Machado de Assis

contrabalançar os aspectos um tanto sombrios da obra, destacados na introdução de Grossman, os paratextos editoriais (orelhas e elogios na quarta capa) da primeira edição chamam a atenção para a dimensão satírica, o senso de humor e a comicidade presentes no livro.

Para aproximar o livro do público da “World Literature”, os paratextos dessa primeira edição associam Machado a escritores de grande reputação internacional, como Anatole France, Lawrence Sterne, Gustave Flaubert, Thomas Hardy e Henry James. Na tentativa de torná-lo mais familiar ao público norte-americano, Brás Cubas é comparado ao protagonista de *O falecido George Apley*, romance em forma de memórias escrito por John Phillips Marquand, publicado em 1937. A circunstancialidade da aproximação fica evidente pelo fato de a referência, que foi perdendo apelo à medida que autor e obra eram esquecidos, não voltar a aparecer em nenhuma outra edição.⁵

A busca de inscrição de Machado no circuito internacional tem sua melhor síntese nas palavras do classicista Dudley Fitts sobre o romance, publicadas no *New York Times* por ocasião da primeira edição de *Epitaph of a Small Winner*, em 1952: “Machado de Assis foi uma potência literária, transcendendo nacionalidade e língua, certamente comparável a Flaubert, Hardy ou James...”⁶

Figura 18



Não por acaso, essa será a frase mais presente nas várias edições da tradução de Grossman, tanto nos Estados Unidos quanto no Reino Unido. Ela sintetiza o procedimento dominante, pelo menos até as edições da década de 1990, na apresentação do romance ao público anglófono: de um lado, a dissociação do Brasil e da língua portuguesa e, ato seguinte, a associação com grandes nomes

nos Estados Unidos, nos quais apresenta hipóteses sobre a dificuldade de penetração da obra machadiana entre o público estadunidense.

⁵ Sapiro, ao estudar a introdução de William Faulkner na França, mostra como ele será comparado a Dickens, Balzac, Dostoiévski, Poe e Baudelaire, bem como ao seu contemporâneo britânico, D. H. Lawrence. Réception, appropriations et usages : légitimer une révolution symbolique > Página 170 · Posição 4351

⁶ Referência Dudley Fitts

da literatura mundial. Trata-se de um procedimento frequente quando se trata de apresentar e valorizar a produção de um desconhecido, conforme mostra Gisèle Sapiro em seu estudo sobre a definição e a construção de um “autor mundial”. Sapiro diferencia essas comparações, por vezes arbitrárias e que dispensam uma análise mais aprofundada, da “inscrição em uma filiação, que requer um exame atento da obra (exceto quando é abertamente reivindicada pelo autor).” (SAPIRO, 2024: 67)

Neste caso, observam-se as duas coisas. Por um lado, a filiação recorrente, nas edições em língua inglesa, da prosa do romance ao tom satírico de Sterne — sugerida na própria advertência que precede o romance. Por outro lado, a associação, às vezes um tanto aleatória, a escritores dos mais variados tempos e lugares.

O gesto comparativo condiz com o projeto editorial de Cécil Hemley, que no início dos anos 1950 insere Machado de Assis em um catálogo de “World Literature”, ao lado do russo Boris Pasternak, do indiano R. K. Narayan, do italiano Cesare Pavese, do norueguês Knut Hamsun, do alemão Hermann Hesse e do polonês Isaac Bashevis Singer. Nesse catálogo da Noonday Press, Machado de Assis foi dos poucos autores do século XIX, o único brasileiro e, em língua portuguesa, esteve acompanhado apenas de Eça de Queirós, cujos romances *O primo Basílio* e *A relíquia* foram publicados em 1953 e 1954.

A inscrição no panorama internacional ganharia outra escala no ensaio de Susan Sontag, “Afterlives: The Case of Machado de Assis”, originalmente publicado na *The New Yorker* e integrado como prefácio à edição de 1990 de *Epitaph of a Small Winner*. Esse é o texto mais denso e sugestivo até então publicado nas edições em inglês e o maior investimento paratextual desde a primeira publicação do romance em 1952. Entre as novidades trazidas por Sontag estão o destaque à originalidade e ousadia da forma autobiográfica, levada ao limite por Machado de Assis ao posicionar o autor-narrador no pós-morte; a associação da sua capacidade de surpreender leitores indefinidamente ao seu ceticismo radical; e a identificação de uma preocupação recorrente do narrador com o leitor, que Sontag sugere corresponder à ansiedade do escritor com a recepção e o reconhecimento de sua obra. Para Sontag, o escritor tinha razão para se preocupar, o que se confirmava pelo reconhecimento tardio de sua obra não apenas pelo público anglófono, mas também pelos leitores latino-americanos. Um estado de coisas que Sontag deseja reparar com seu prefácio: “Com tempo bastante, vida póstuma bastante, um grande livro termina por encontrar o seu lugar de justiça.” (SONTAG, 1990: 59)

Pela posição de destaque que ocupa naquele momento como intelectual pública de ampla circulação mundial, Sontag está muito consciente do prestígio que põe a serviço do romance e de Machado de Assis. O fato de Sontag ter sido publicada na juventude pela Noonday, cujo fundador,

Cecil Hemley, a apresentou ao romance de Machado de Assis, e de ter passado a ser publicada pela Farrar, como ocorreu com Machado, deve ter contado para o aceite da publicação do seu texto na edição da Farrar, Straus & Giroux (a primeira a sair com esse selo, já que até então todas saíram com o selo da Noonday). A eficácia da mediação e da transferência de capital simbólico pode ser medida pelo fato de seu texto ter sido incorporado a edições do romance em italiano, tcheco e alemão.

No ensaio, Sontag qualifica Brás Cubas como um herói “pós-sterniano” e a narrativa das memórias como “neo-sterniana”, inserindo Machado numa linhagem prestigiosa e facilmente reconhecível pelo público anglófono. A partir dessa filiação, associa Machado a nada menos que 19 autores de 10 países que escreveram em oito línguas!

Sontag sugere que a originalidade de Machado de Assis, bem como a de outros escritores da Europa Central e do Leste, assim como da América Latina, esteja associada a questões histórico-sociais, ao fazer referência à submissão dessas regiões do planeta a tiranias monstruosas, o que teria conferido a seus escritores “a dádiva da importância, da seriedade, dos temas e da ironia relevante” (SONTAG, 1990: 53). Entretanto, a potência desses escritores logo é associada ao fato de o autor de *Tristram Shandy* ter sido “admiradíssimo” nessas regiões do mundo. Ou seja, a grandeza de Machado e dos outros escritores que cita seria melhor compreendida pelas filiações sternianas do que pelas circunstâncias históricas e sociais em que produziram suas obras. De novo, e agora de forma mais desenvolvida e bem informada, temos a ligação com autores de envergadura internacional e a disjunção do contexto brasileiro, principal prejuízo que Roberto Schwarz (2006) atribui à consagração de Machado de Assis como autor da “World Literature”.

A associação de Machado e de sua obra a grandes nomes do mundo literário ganha uma nova configuração na edição da Oxford University Press, publicada nos Estados Unidos em 1997. Trata-se da primeira edição acadêmica das *Memórias póstumas de Brás Cubas*, já que, por 45 anos, estas saíram apenas por editoras comerciais tanto nos Estados Unidos (Noonday, Avon Books, Farrar, Straus & Giroux, Penguin, Liveright) como no Reino Unido (W.H. Allen, Penguin, Hogarth, Vintage, Bloomsbury). Isso contrasta com o que ocorreu, por exemplo, com *Dom Casmurro*, que, ainda na década de 1960, por diligência de sua primeira tradutora, Helen Caldwell, foi retirado da Noonday e passou a ser publicado pela University of California Press. A intervenção de Helen Caldwell abriu caminho para a tradução de outros livros por editoras acadêmicas, como ocorreu com *The Psychiatrist and Other Stories* (1963), *Esau e Jacó* (1965), *Memorial de Aires* (1972) e *Helena* (1984), da mesma University of California Press, alguns beneficiados por programas de incentivo à tradução de autores latino-americanos; *A mão e a luva* (1970) e *Iaiá Garcia* (1977), que saíram pela

University Press of Kentucky; e *The Devil's Church and Other Stories* (1977), pela The University of Texas Press.

O diferencial da edição da Oxford está na multiplicação dos mediadores e fiadores da qualidade do texto e do escritor, em sua maioria latino-americanistas e brasilianistas. Além de contar com a tradução de Gregory Rabassa, nome de peso no círculo latino-americanista dos Estados Unidos, por ter sido o tradutor de *Cem anos de solidão*, e figura importante no chamado boom latino-americano, a edição de *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, pela Oxford, integrava a Library of Latin America, coleção dirigida por Jean Franco e codirigida por Richard Graham, dois nomes importantes dos estudos latino-americanos e brasileiros nos Estados Unidos. Essa edição traz um prefácio e um posfácio, comissionados respectivamente a Enylton de Sá Rego, então atuando nos Estados Unidos, e a Gilberto Pinheiro Passos, da Universidade de São Paulo.

Além do tradutor, dos diretores da coleção e dos prefaciadores, há menção a intelectuais como Alfredo Bosi (que colaborou com Graham na escolha dos autores e dos títulos brasileiros para compor a série latino-americana), Roberto González Echevarría e K. David Jackson, professores em Yale. O Conselho Editorial, apresentado nas páginas iniciais do livro, era composto por escritores, acadêmicos e críticos de destaque nos estudos latino-americanos: Antonio Cornejo Polar, Tulio Halperín Donghi, Iván Jaksic, Noemi Lindstrom, Eduardo Lozano e Francine Masiello.

As citações a autores internacionais, por sua vez, são mais “disciplinadas”, ou seja, mais motivadas pelas abordagens que os autores do prefácio e do posfácio fazem da obra de Machado em seus estudos como especialistas no autor. Sá Rego situa Brás Cubas na linhagem da sátira menipeia, citando também Horácio e Juvenal, Woody Allen, Erasmo e Robert Burton. Pinheiro Passos inscreve o romance no quadro das referências literárias, culturais e políticas francesas, evocando nomes como Victor Hugo, Musset, Lamartine, os irmãos Dumas, Zola, Victor Cousin e Auguste Comte. Os textos prefaciais, pela primeira vez, fazem menção direta ao contexto socio-histórico brasileiro, incorporando elementos da leitura de Roberto Schwarz, que, àquela altura da década de 1990, se tornara central no contexto brasileiro.

Ao resenhar os livros de Machado publicados nessa série da Oxford, que também publicou retraduições de *Quincas Borba*, *Dom Casmurro* e *Esau e Jacó*, Michael Wood considerou a edição um pouco “atravancada” e apontou que a variedade e extensão dos paratextos trairiam certo nervosismo por parte dos editores: “Sempre há alguma coisa de perspicaz, mas é preciso abrir portas demais até chegar a cada romance.” (WOOD, 2006: 507)

O comentário detecta o que, àquela altura, já ficara óbvio: a dificuldade de ‘vender’ ou ‘emplacar’ Machado de Assis fora do Brasil, assunto abordado por, entre outros, Earl Fitz e Daphne

Patai. Fitz associa essa dificuldade em parte ao descompasso entre a glorificação dos interesses individuais marcante na sociedade estadunidense e a crítica profunda que o romance faz dos valores individualistas, enquanto Patai sonda a responsabilidade de tradutores, críticos e editores na recepção limitada do escritor entre o público anglófono.

A dificuldade de “emplacar” Machado, entretanto, já se configura na década de 1960, quando a Farrar, Straus & Giroux, após adquirir a Noonday Press, hesita em relação ao que fazer com um autor de alto prestígio crítico, mas de vendas modestas para uma grande editora. As iniciativas incluem repassar os direitos a edições de bolso mais populares, como a da Penguin (1968, Reino Unido) e da Avon Books (1978, Estados Unidos), numa tentativa de “terceirizar” sua difusão e alcançar um público mais amplo.

Em ambas, é notável como o escritor é apresentado. A Avon Books apresenta o livro como “A obra-prima reconhecida daquele que talvez seja o maior romancista brasileiro e um dos mais originais da literatura moderna.” Curiosas as modulações do “talvez/perhaps” e do “um dos mais/one of the most”, principalmente se considerarmos a posição assertiva do elogio, que fica no alto da capa, entre o título da obra e o nome do autor [Figura 19]. Na quarta capa: “O romance bem que merece seu lugar na literatura mundial” [Figura 20]. Essa ideia de que o posicionamento de uma obra literária no circuito da literatura mundial deve-se ao mérito, recorrente nos processos de consagração internacional, aparece nos paratextos das traduções das *Memórias póstumas de Brás Cubas* desde a edição de 1956, da Noonday, que traz na contracapa um excerto de resenha publicada na *Commonweal*: “O romance bem que merece seu lugar na literatura mundial”.

Figura 19

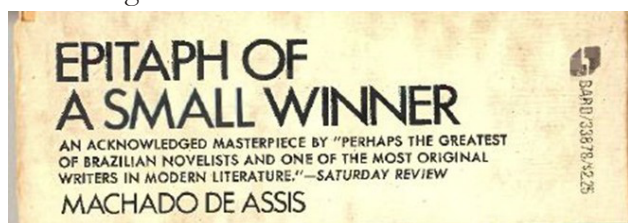


Figura 20



Duas edições britânicas mais recentes, lançadas pela Bloomsbury em 1997 e 2008, inscrevem Machado no contexto brasileiro e latino-americano. A capa da edição de 1997 traz a frase de Salman Rushdie: “uma das obras-primas da literatura brasileira”; a contracapa apresenta

três linhas com informações biográficas, que se encerram com a afirmação de que se trata de “um dos maiores escritores da América Latina”. Para a capa da edição de 2008, outra frase de Rushdie é escolhida: “O tipo de humor que faz os esqueletos sorrirem”; na contracapa, a breve nota biográfica termina com a afirmação de que Machado é “um dos escritores mais estimados da América Latina”.

Essas edições britânicas, assim como as duas anteriores, da W. H. Allen e da Hogarth, cujos miolos são meras reproduções da edição de 1952, incluindo a introdução de Grossman, sequer numeram as páginas iniciais, acrescentadas à composição gráfica original. Entretanto, são as duas únicas edições britânicas que fazem algum investimento para apresentar o autor e o romance especificamente ao público local, com uma introdução encomendada ao romancista inglês Louis de Bernières, então em destaque no Reino Unido. Em apenas três páginas e pouquíssimo esforço de caracterização do escritor e de sua obra, há várias afirmações equivocadas, como a de que Machado nunca saiu do Rio de Janeiro e que teria acusado Eça de Queirós de ter plagiado *Madame Bovary* em seu *Primo Basílio*. Considerando Machado de Assis um “milagre”, o prefaciador talvez acerte ao afirmar que Machado teria rido de sua afirmação de que “é, de fato, um escritor pós-moderno” (BERNIÈRES, apud MACHADO DE ASSIS, 1997a).

A edição com a tradução mais recente, de Margaret Jull Costa e Robin Patterson, intitulada *Posthumous Memoirs of Brás Cubas*, também é modesta nos paratextos, bem como na associação de Machado a nomes de prestígio. Na introdução, os tradutores afirmam que Machado teve como “modelos literários” Sterne, Xavier de Maistre, Garrett e Chateaubriand — autores citados ou aludidos no romance — e destacam como fontes de sua literatura a Bíblia, Shakespeare, Virgílio, Pascal e Erasmo. Por outro lado, os paratextos editoriais são bastante assertivos e superlativos nos elogios e na tentativa de localizar o autor num quadro “extra-brasileiro”. Na orelha, afirma-se que sua obra “influenciaria gerações de escritores sul-americanos” e que Machado foi “pai-fundador da ficção moderna”. Na contracapa, ele é “considerado um progenitor da ficção sul-americana do século XX” e, citando Sontag, “O maior escritor da América Latina”; citando Allen Ginsberg, “Outro Kafka”; e citando Harold Bloom, “O maior artista literário negro até hoje”. Pelas posições que ocupam no livro, são afirmações dos editores, e não dos tradutores, que não desenvolvem nenhuma dessas asserções duvidosas no texto introdutório; esse, sim, é assinado por eles.

Finalmente, a tradução de Thomson-DeVeaux, publicada no mesmo ano da de Jull Costa e Patterson, é a que apresenta a maior quantidade e a maior variedade de paratextos. Além dos textos de quarta capa e da minibiografia do autor, a edição incorpora um bom prefácio de Dave Eggers, que enfatiza o aspecto cômico do livro; uma ótima introdução da tradutora, que contextualiza o livro no Rio de Janeiro e no Brasil oitocentistas; uma nota sobre a tradução; uma nota sobre as

notas de fim; sugestões de leituras complementares; e 32 páginas com 149 notas de fim. Todos esses aparatos fazem dela uma espécie de edição crítica do romance, com considerações novas até mesmo para leitores familiarizados com a obra e o autor. A notícia de que a primeira edição se esgotou em apenas um dia repercutiu bastante no Brasil, assim como a “viralização”, na plataforma TikTok, de elogios superlativos ao romance pela influenciadora Courtney Novak.⁷ Criou-se a expectativa de que Machado de Assis e *Brás Cubas* finalmente chegavam ao grande público. Entretanto, a dimensão desse público permanece incerta, uma vez que a editora não divulga o número de exemplares vendidos, e exemplares vendidos não significam exemplares lidos nem a constituição de um público leitor numeroso e estável.

Trata-se, sem dúvida, da edição mais rigorosa nas informações que apresenta e mais bem informada sobre o estado da questão em torno de Machado de Assis. Consciente de que as possibilidades de sentido do romance transcendem o contexto histórico de sua produção, a tradutora é precisa e sucinta ao esboçar com precisão o quadro histórico e social a que o romance se refere — o Brasil do século XIX —, enfatizando a presença da escravidão, que, como diz, “assombra o romance” (THOMSON-DeVEAUX, apud MACHADO DE ASSIS, 2020a: xxii). Nesse sentido, essa é a tradução que mais incorpora — inclusive no léxico, que enfatiza as sugestões de pertença racial e de posição das personagens na hierarquia social — as interpretações sociohistóricas do romance, que têm como principal referência os estudos de Roberto Schwarz.⁸

Por um lado, a tradução recente ancora mais firmemente Machado e o romance em seu contexto histórico brasileiro; por outro, a abundância de paratextos multiplica as vozes de prestígio mobilizadas para consagrá-los. Reúnem-se elogios de escritores canônicos e de grandes veículos de imprensa, bem como de críticos e tradutores, além de comparações que vão de Cervantes e Sterne a Kafka, Borges, Joyce e outros autores centrais do cânone ocidental.

De 1952 a 2020, a recorrente associação de Machado e *Brás Cubas* a uma vasta lista de autores canônicos de diferentes épocas e tradições, sobretudo europeias, evidencia a dificuldade de situá-los com precisão no mapa da literatura mundial. Ao alinhá-los a obras e nomes tão diversos, esses paratextos tornam o autor e o romance relativamente inespecíficos, ao mesmo tempo que mimetizam a própria profusão de referências da prosa de *Brás Cubas* e o efeito de desnorreamento que o livro provoca desde 1880. Esse procedimento, diga-se de passagem, é bem menos intenso nos paratextos dos demais romances de Machado de Assis traduzidos para o inglês.

⁷ O primeiro vídeo de Courtney Novak sobre as *Memórias póstumas* pode ser visto em <https://www.tiktok.com/@courtneyhenningnovak/video/7370016629893238058>

⁸ Indicativo da presença da escravidão no romance é o fato de a tradução trazer 27 ocorrências da palavra “slave” e variantes, ao passo que no romance em português a palavra “escravo” (e suas flexões em gênero e número) aparece 12 vezes.

O percurso das edições revela ainda uma inflexão: o projeto de inseri-lo na “World Literature”, visível desde a Noonday e reiterado pelas edições da Penguin em coleções de clássicos, passa a combinar-se com a inscrição em contextos mais específicos, sobretudo latino-americanos. Selos como Bard Books o colocam ao lado de autores do *boom*; a Farrar o apresenta como antecessor de García Márquez e Borges; e a Oxford, ao incluí-lo na Library of Latin America, com forte aparato crítico, trabalha para fixar Machado no panteão da literatura e dos estudos latino-americanos e brasileiros.

Uma nota sobre os traços biográficos

A composição da figura do escritor segue, em linhas gerais, o que está sancionado pela crítica brasileira, e os traços destacados são bastante convergentes. Nas 15 edições estudadas, as informações biográficas são bastante sumárias e giram em torno dos biografemas consagrados por Lúcia Miguel Pereira na década de 1930: origem humilde, com muitos obstáculos (mestiçagem, epilepsia, gagueira, timidez, saúde frágil), que o escritor superou de forma surpreendente. São esses os traços destacados na “Introdução” de William Grossman.

A relação de Machado com o Brasil é bastante tênue, especialmente nas primeiras edições, que se limitam a informar que o escritor nasceu no Rio de Janeiro. Entretanto, as indicações sobre a pertença étnico-racial do escritor modificaram-se bastante.

A informação de que era filho de um mulato e de uma mulher branca (“son of a mulatto house painter and a White woman from Portugal”) consta na introdução de William Grossman, que acompanha todas as edições de *Epitaph of a Small Winner* até a nova tradução de Gregory Rabassa, em 1997. Das cinco edições estadunidenses com a tradução de William Grossman, apenas a primeira, de 1952, e a edição de bolso da Avon tratam da cor de Machado, referindo-se a ele como “mulato”. Das cinco edições do Reino Unido examinadas, apenas a da Hogarth, de 1985, menciona a cor, descrevendo-o como “poor mulatto”.

No prefácio de Enylton Sá Rego para a edição da Oxford, de 1997, a informação presente nas edições norte-americanas anteriores é especificada, desenvolvida e contextualizada: “filho de escravizados libertos”, “cresceu como um mulato órfão, neto de escravizados em um país onde a escravidão continuaria a existir oficialmente até que completasse 50 anos” (REGO, apud MACHADO DE ASSIS, 1998: xix).

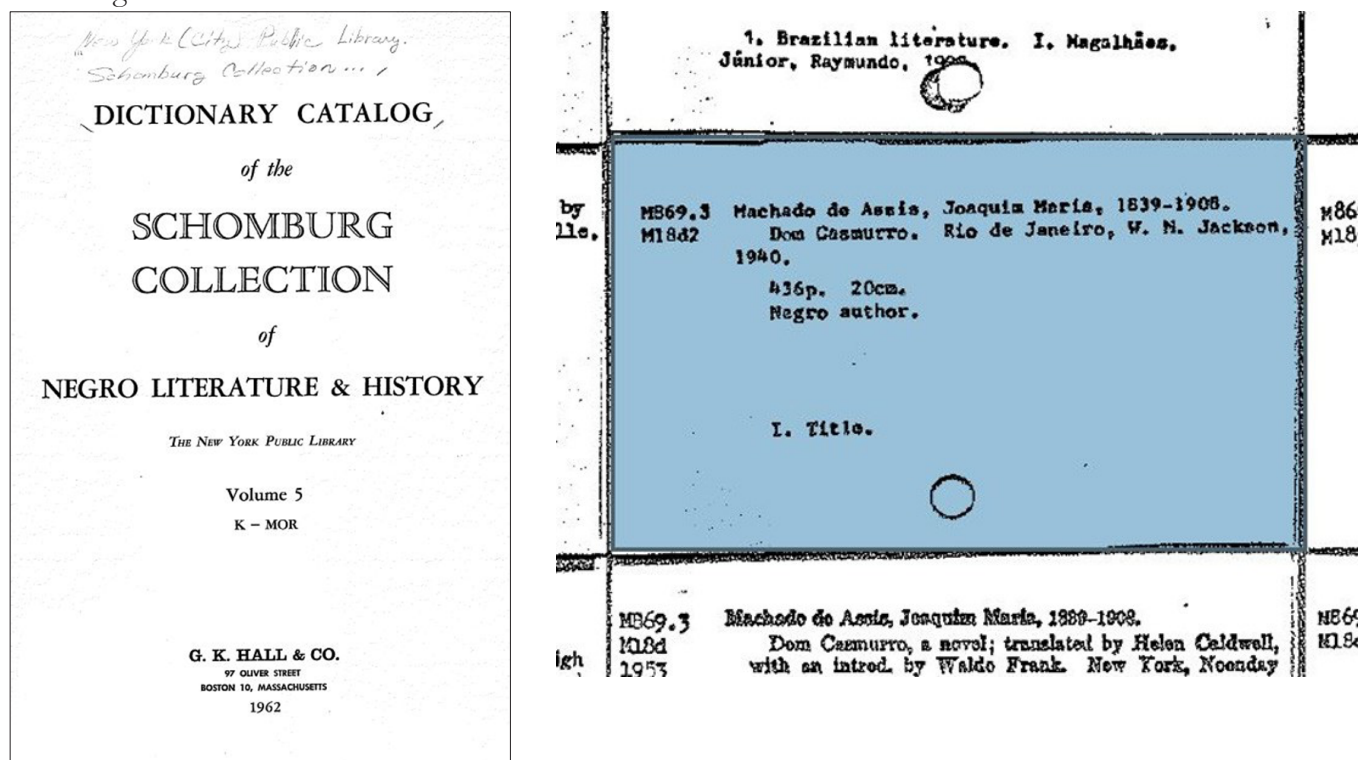
A introdução de Jull Costa e Patterson o apresenta como “neto de um liberto” (“grandson of a freed slave”, xi), informação pouco precisa, pois, até onde sabemos, tanto o avô quanto a avó paterna de Machado eram “pardos forros” e, portanto, o correto seria dizer que era “neto de libertos”.

Thomson-DeVeaux, que enfatiza a questão racial e a escravidão mais do que qualquer outro tradutor, apresenta Machado, na introdução, como “filho mestiço de uma família humilde, neto de escravizados”.

À parte essas informações pontuais fornecidas pelos tradutores em seus prefácios e introduções, há pouco investimento editorial na questão até as edições de 2020, quando a negritude de Machado é explicitamente referida por meio da conhecida citação de Harold Bloom, “The supreme black literary artist to date” (o supremo artista literário negro), que consta tanto da quarta capa da edição da Liveright como dos elogios ao escritor compilados na edição da Penguin. Nesta, em que os aparatos editoriais foram feitos ou supervisionados pela tradutora, a informação é reiterada: na quarta capa: “neto mestiço de ex-escravizados” (mixed-race grandson of ex-slaves); na notícia biográfica da página de rosto secundária, “neto mestiço de escravizados libertos” (“mixed-race grandson of freed slaves”) e, nos elogios, a já citada frase de Harold Bloom.

Chama a atenção que as edições em inglês acompanhem as classificações dominantes no Brasil em cada período, uma vez que Machado, já na primeira metade do século XX, foi estudado e referido nos Estados Unidos como “black author” ou “negro author” — conforme consta nas fichas dos catálogos do Schomburg Center for Research in Black Culture, braço da Biblioteca Pública de Nova York, situado no Harlem.

Figura 21



Para concluir, nota-se que, apesar das conquistas e do esforço continuado de tradutores, editores e críticos desde a década de 1950, ressalta a dificuldade de posicionamento e de classificação de Machado e das *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Dificuldade que, diga-se de passagem, faz parte também da história das leituras brasileiras, mas que se magnifica e se torna mais explícita quando se trata de apresentá-lo a um público para o qual ele ainda é um “clássico menor”.

Este artigo resulta de pesquisa realizada no âmbito dos projetos “Machado de Assis em inglês: texto, paratexto, contexto”, realizado com apoio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq, e “Machado de Assis em inglês: tradução, edição e circulação transnacional”, desenvolvido entre 2020 e 2023 com apoio de Auxílio à Pesquisa da Fapesp (Proc. 2020/02389-6).

Hélio de Seixas Guimarães is an Associate Professor at Universidade de São Paulo and a researcher for the CNPq. He is the author of *Machado de Assis, o escritor que nos lê* and *Os leitores de Machado de Assis*, and has recently organized the collection *Todos os livros de Machado de Assis* (Todavia/Itaú Cultural), with 26 volumes. E-mail: hsg@usp.br

Obras Citadas

Edições das traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas*

MACHADO DE ASSIS. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Translated from the Portuguese by William L. Grossman. São Paulo: São Paulo Editora, 1951.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese with a Translator's Introduction by William L. Grossman, drawings by Shari Frisch. Nova York: Noonday Press, 1952.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese with a Translator's Introduction by William L. Grossman. London: W. H. Allen, 1953.

_____. *Posthumous Reminiscences of Brás Cubas, by Machado de Assis*. Translated from the Portuguese by E. Percy Ellis. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura / Instituto Nacional do Livro, 1955. [Coleção de Traduções de Grandes Autores Brasileiros.]

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese with a Translator's Introduction by William L. Grossman, drawings by Shari Frisch. Nova York: Noonday Press, Second printing, 1956.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese with a Translator's Introduction by William L. Grossman. Londres: Penguin Books, 1968.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese with a Translator's Introduction by William L. Grossman. Nova York: Avon Books/Bard Book, 1978.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese with a Translator's Introduction by William L. Grossman, drawings by Shari Frisch. Londres: Hogarth Press, 1985.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese by William L. Grossman, drawing by Shari Frisch, foreword by Susan Sontag. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1990.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated with a Translator's Introduction by William L. Grossman, drawings by Shari Frisch, and an introduction by Louis de Bernières. London: Bloomsbury Publishing, 1997a.

_____. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas. A Novel by Joaquim Maria Machado de Assis*. Translated from the Portuguese by Gregory Rabassa, with a foreword by Enylton de Sá Rego, and an afterword by Gilberto Pinheiro Passos. Nova York: Oxford University Press, 1997b. Edição em capa dura.

_____. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas. A Novel by Joaquim Maria Machado de Assis*. Translated from the Portuguese by Gregory Rabassa, with a foreword by Enylton de Sá Rego, and an afterword by Gilberto Pinheiro Passos. Nova York: Oxford University Press, 1998. Edição em brochura.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese by William L. Grossman, drawings by Shari Frisch, Introduction by Louis Bernières. Londres: Bloomsbury, 2008a.

_____. *Epitaph of a Small Winner*. Translated from the Portuguese by William L. Grossman, drawing by Shari Frisch, foreword by Susan Sontag. Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 2008b.

_____. *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Translated with an introduction and notes by Flora Thomson-DeVeaux, foreword by Dave Eggers. Nova York: Penguin Books, 2020a.

_____. *Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. Translated by Margaret Jull Costa and Robin Patterson. Nova York: Liveright Publishing, 2020b.

Outras Referências

BOURDIEU, Pierre. Les conditions sociales de la circulation internationale des idées. Actes de la recherche en sciences sociales, v. 145, n. 1, p. 3-8, 2002. [Conferência pronunciada em 30 de outubro de 1989, na inauguração do Frankreich-Zentrum da Universidade de Freiburg.]

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. *Vários escritos*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 13-32.

CASANOVA, Pascale. A república mundial das letras. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

DAMROSCH, David. What is World Literature? Princeton: Princeton University Press, 2003.

FITZ, Earl. The reception of Machado de Assis in the United States during the 1950s and 1960s. Luso-Brazilian Review, Madison, v. 49, n. 1, p. 16-35, 2012.

_____. Eça, Machado, and World Literature. Revista de Estudos Literários, 6, 2016, pp. 359-367. DOI: http://dx.doi.org/10.14195/2183-847X_6_16

GENETTE, Gérard. Paratextos editoriais. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis: o escritor que nos lê. As figuras machadianas através da crítica e das polémicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

_____. Recepção internacional e tradução como provocações à história da literatura — o caso de Machado de Assis. In: MOREIRA, Maria Eunice; OLIVEIRA, Amanda da Silva; NASCIMENTO, Fábio Varela. (Org.). *Escritas e leituras contemporâneas I: histórias da literatura*. 1ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019, p. 215-230.

_____. A trajetória editorial de Machado de Assis em inglês (1950-1960). Machado de Assis em linha, v. 16, p. 1-20, 2023.

HEILBRON, Johan. Towards a Sociology of Translation: Book Translations as a Cultural World-System. *European Journal of Social Theory*, v. 2, n. 4, p. 429-444, 1999.

JACKSON, K. David. Machado de Assis in English: A Selected Bibliography. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n. 13-14, p. 313-332, 2006.

MACHADO DE ASSIS. *Memorie dall'Aldilà*. Trad. Laura Marchiori. Milão: Rizzoli, 1953.

_____. *Die nachträglichen Memoiren des Bras Cubas*. Trad. Wolfgang Kayser. Zúrich: Manesse Verlag 1950.

_____. *Posmrtné paměti Bráse Cubase*. Trad. Šárka Grauová. Praga: Torst, 1996.

MORETTI, Franco. Conjectures on World Literature. *New Left Review*, n. 1, p. 54-68, 2000.

PATAI, Daphne. Machado in English. In: GRAHAM, Richard (Org.). *Machado de Assis: Reflections on a Brazilian Master Writer*. Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 85-116.

_____. Machado de Assis em inglês: em busca de um nicho de mercado. ANTUNES, Benedito; MOTTA, Sérgio Vicente (Orgs.) *Machado de Assis e a crítica internacional*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp. 209-229.

SAPIRO, Gisèle. *Qu'est-ce qu'un auteur mondial? Le champ littéraire transnational*. Paris: Seuil, 2024.

SCHWARZ, Roberto. Leituras em competição. In: _____. *Martinha versus Lucrecia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 131-155.

SONTAG, Susan. Afterlives: The Posthumous Memoirs of Brás Cubas. In: ASSIS, Machado de. *Epitaph of a Small Winner*. New York: Farrar, Straus & Giroux, 1990. p. vii-xix.

THOMSON-DEVEAUX, Flora. Translating the Afterlife: The Posthumous Memoirs of Brás Cubas in English. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Portugueses e Brasileiros) – Brown University, Providence, 2019.

VENUTI, Lawrence. *The Translator's Invisibility – A History of Translation*. London: Routledge, 1995.

WOOD, Michael. Um mestre entre ruínas. *Teresa: revista de literatura brasileira*, São Paulo, n. 6-7, p. 504-510, 2006. Tradução de Samuel Titan Jr.